

... e obterem evidência na cena Atlântico como nas fontes escritas.

... ças acima discutidas, é imperativo os afro-atlânticos seja estudada com os escritos históricos, a documentação têm de ser relidos e recuperadas e ser analisadas a partir de uma perspectiva as tradições históricas e antropológicas, a política e econômica, que governados por processos de socialização de caso discutidos acima mostram a natureza das fontes materiais, tal a significativa as configurações ecofisiológicas Atlântica e ir além dos localismos para uma dinâmica intercultural até en-

NOS TUMBEIROS MAIS UMA VEZ? O COMÉRCIO INTERPROVINCIAL DE ESCRAVOS NO BRASIL

*Richard Graham**

ESCRAVIZADO

O Brasil importou mais escravos da África que qualquer outro país, e a escravidão persistiu ali até 1888, isto é, muito tempo depois de ter sido abolida no resto da América.¹ Sua experiência diferiu da de outros países escravocratas em vários aspectos e certamente nos rumos de seu tráfico interno de escravos. Pode ser útil neste momento sumarizar o que sabemos deste tráfico no Brasil, extraindo dados das obras de outros historiadores, mesmo daqueles que não focalizaram suas atenções no comércio interno de escravos. Na primeira parte deste artigo examino quantos escravos estiveram envolvidos no tráfico brasileiro, quem foi traficando, de onde vieram e para onde foram. Tal abordagem é útil na medida em que pode sugerir padrões não necessariamente visíveis na época. Mas, creio que devemos também responder a uma questão verdadeiramente importante: o que o tráfico significou para os seres humanos que foram traficados? A resposta não pode ser uma simples generaliza-

* Professor Emérito da Universidade do Texas.

¹ Agradeço aos membros do Seminário de Santa Fé pelos comentários que fizeram em relação a uma versão muito preliminar deste artigo, e especialmente Sandra Lauderdale Graham. Barbara Sommer me fez valiosas sugestões bibliográficas sobre o lugar dos índios no tráfico interno de escravos. Também agradeço os participantes do "Congresso sobre o Estudo Comparativo do Tráfico Interno de Escravos na América", realizado no Centro Gilder Lehrman da Universidade de Yale. Aproveitei também excelentes sugestões posteriores feitas por João José Reis. Tradução: Valdemir Zamparoni, revisão final: Richard Graham.

aprendeu os elementos da advocacia, conhecimento que o levou a trabalhar para outros afro-brasileiros, assegurando a liberdade a numerosos escravos no final dos anos 1870, levando os tribunais a reconhecerem que aqueles importados após 1831 eram legalmente livres assim como seus descendentes. Gama claramente se identificou com outros, cujas dificuldades eram semelhantes às suas.⁶⁰

Honorata foi trazida por sua senhora, uma lavadeira, da Bahia no início da década de 1860 e foi forçada à prostituição com 12 anos. Quando tinha cerca de 19 anos, por vezes, teve que se virar por conta própria, pagando semanalmente uma determinada soma para sua senhora, providenciando sua própria casa, roupas, comida e encontrando seus clientes. O auto-sustento foi uma prática comum para escravos com profissão, homens ou mulheres, permitindo às vezes algum ganho extra para eventualmente comprar a própria liberdade. Quando Honorata contraiu uma doença pulmonar, talvez tuberculose, e buscou a ajuda de sua proprietária, esta em vez de providenciar cuidados médicos, mandou lhe bater. Como todas as prostitutas, ela era particularmente vulnerável a doenças venéreas e seguramente envelheceria prematuramente. Por outro lado, Honorata pôde contar com um cocheiro para lhe emprestar ou dar o dinheiro para satisfazer as demandas de sua senhora quando ela não ganhava os recursos necessários, e com seus clientes para a apoiar num eventual esforço para conseguir a liberdade legal. “Respeitáveis” proprietários de escravos viam a prostituição destes como uma ameaça à instituição e, por vezes, atacavam as pequenas “madames” que forçavam suas escravas a tal prática.⁶¹

Corina, uma mulata, foi vendida para o tráfico na Bahia com 20 anos, em março de 1867, e foi logo a seguir comprada, de um fornecedor na cidade do Rio de Janeiro, por uma mulher negra de meia-idade, proprietária de bordel, muito conhecida por sua coleção de “belíssimas (...) mulatinhas escravas (...) todas elas mais ou menos claras (...) todas moças, quase implumes”. Corina não continuou jovem por muito tempo. Quan-

⁶⁰ Sud Menucci, *O precursor do abolicionismo no Brasil (Luiz Gama)*, São Paulo, Editora Nacional, 1938; Elciene Azevedo, *Orfeu de carapinha: A trajetória de Luiz Gama na imperial cidade de São Paulo*, Campinas, Editora Unicamp e Centro de Pesquisa em História Social da Cultura, 1999.

⁶¹ Lauderdale Graham, “Slavery’s Impasse”, pp. 669-83.

do deu à lu
enfeitada r
seus serviç
ram em sus
cas no lado
era atraente
da madrug
de venda n
que ela teri
modo, não
te do Norc
não foi a ú

O de
lugares, e:
Janeiro e se
no começo
tentou sen
Severina, t
depois foi c
polícia foi
piorou com
mãos de u
mãe e irmã
Grande do
transferido
Janeiro. De
que o coloc
tos outros,
tomando o

⁶² Idem, *ibide*
providencia
Janeiro), Se
Liberdade 1
1869. A des
rado por Dr
polacas... /

conhecimento que o levou a trabalhar garantindo a liberdade a numerosos quando os tribunais a reconheceram legalmente livres assim como se identificou com outros, cujas is.⁶⁰

nhora, uma lavadeira, da Bahia no à prostituição com 12 anos. Quando ve que se virar por conta própria, dada soma para sua senhora, provinda e encontrando seus clientes, um para escravos com profissão, ezes algum ganho extra para evene. Quando Honorata contraiu uma e buscou a ajuda de sua proprietá- lados médicos, mandou lhe bater. ticularmente vulnerável a doenças prematuramente. Por outro lado, eiro para lhe emprestar ou dar o s de sua senhora quando ela não m seus clientes para a apoiar num erdade legal. “Respeitáveis” pro- ição destes como uma ameaça à pequenas “madames” que força-

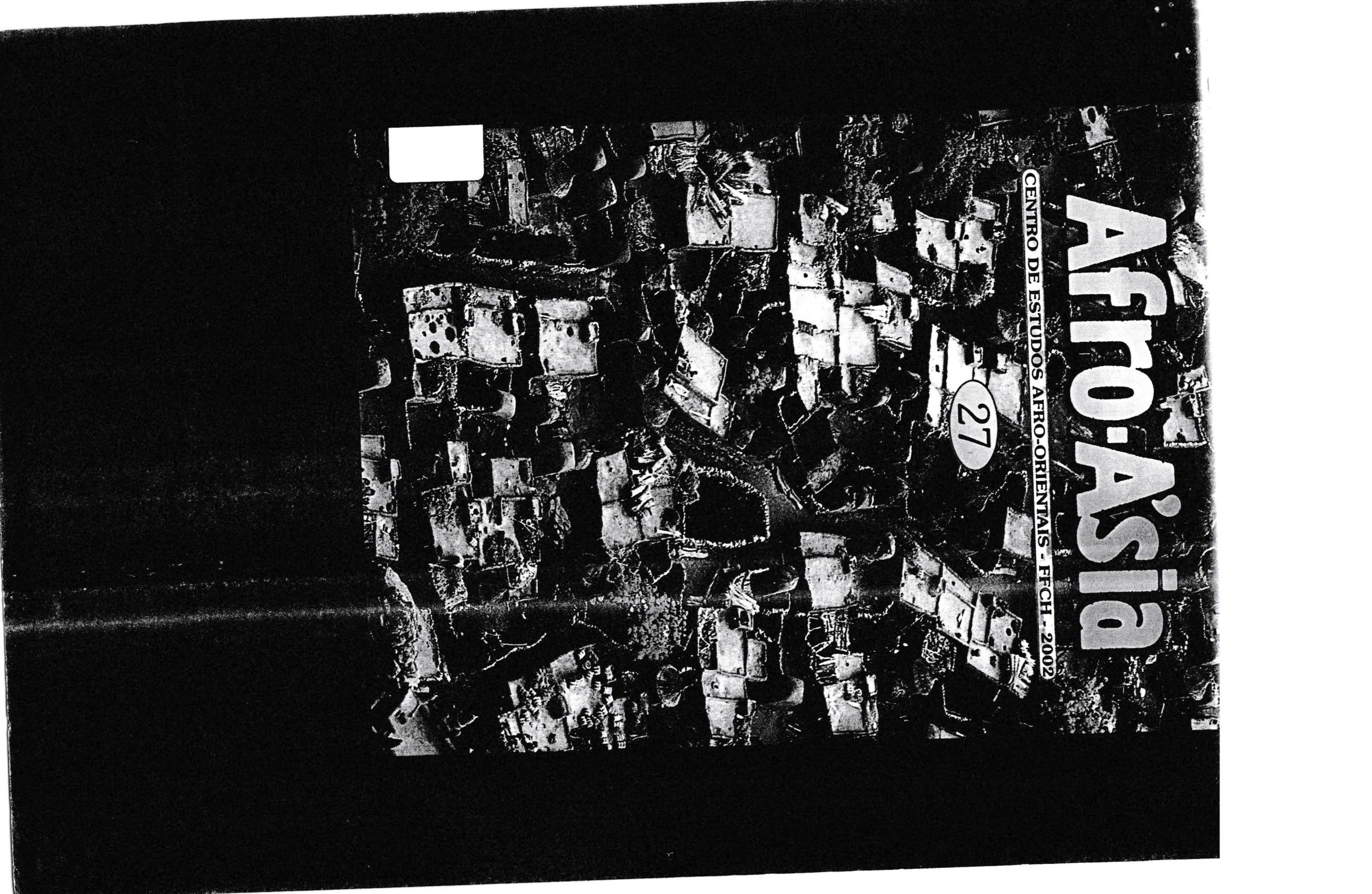
la para o tráfico na Bahia com 20 eguir comprada, de um fornecedor mulher negra de meia-idade, pro- or sua coleção de “belíssimas (...) s ou menos claras (...) todas moças, ou jovem por muito tempo. Quan-

Brasil (Luiz Gama), São Paulo, Editora Naci- nha: *A trajetória de Luiz Gama na imperial p e Centro de Pesquisa em História Social da* 9-83.

do deu à luz, sua criança com alguns dias lhe foi tirada e entregue como enfeitada na Santa Casa, para que ela pudesse continuar a “prestar os seus serviços”. Corina foi tratada de muitas feridas sifilíticas que surgiram em suas pernas e virilhas, de uma inflamação nas glândulas linfáticas no lado de seu pescoço e de muitas erupções na pele. Quando ainda era atraente, e seus dias se estendiam do fim da manhã até as duas ou três da madrugada, foi capaz de juntar pelo menos três quartos de seu preço de venda num esforço para comprar sua liberdade.⁶² O tipo de liberdade que ela teria tido, devido à sua doença, só podemos imaginar. Do mesmo modo, não sabemos quantas das 3.500 mulheres embarcadas anualmente do Nordeste partilharam o destino de Corina, mas sabemos que ela não foi a única.

O desejo de voltar para o norte, para os seus antigos e familiares lugares, emergiu como um tema comum entre os escravos no Rio de Janeiro e seus arredores. Um jovem escravo crioulo enviado de Salvador no começo dos anos 1870 e depois vendido para um fazendeiro de café, tentou sem sucesso retrazar sua trajetória. Bráulio, filho da escrava Severina, tinha sido uma criança tão turbulenta que feriu outro garoto e depois foi considerado “[que] procedesse (tão) mal”, que a certa altura a polícia foi chamada para puni-lo. Chalhoub descreve como seu destino piorou com a morte de seu senhor. Este “pardo escuro” foi colocado nas mãos de uma firma traficante de escravos em Salvador junto com sua mãe e irmão, mas enquanto estes foram mandados para o longínquo Rio Grande do Sul, Bráulio foi embarcado para a cidade do Rio e depois transferido para o município cafeeiro de Valença na província do Rio de Janeiro. De forma nada surpreendente, ele não agradou seu novo senhor, que o colocou mais uma vez à venda. Após ter sido propriedade de muitos outros, ele voltou ao Rio de Janeiro, onde se fez passar por livre, tomando ofício de carpinteiro. As cicatrizes em seus tornozelos feitas

⁶² Idem, *ibidem*, pp. 672-5, com informação adicional sobre o local da venda inicial gentilmente providenciada por Sandra Lauderdale Graham e tiradas dos autos no Arquivo Nacional (Rio de Janeiro), Seção Judiciária, Caixa 1624, nº 2781, Juízo de Direito da 2ª Vara Cível, *Libello de Liberdade pela escrava Corina por seu curador, ré: Anna Valentina da Silva*, Rio de Janeiro, 1869. A descrição do prostíbulo aparece num relatório de 1906, cheio de reminiscências, preparado por Dr. José Ricardo Pires de Almeida e citado em Luiz Carlos Soares, *Rameiras, ilhoas, polacas...: A prostituição no Rio de Janeiro no século XIX*, São Paulo, Ática, 1992, p. 44.



Afro-Ásia

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS - FECH - 2002

27

NOS TUMBEIROS MAIS UMA VEZ?
O COMÉRCIO INTERPROVINCIAL DE ESCRAVOS
NO BRASIL

Richard Graham*

Brasil importou mais escravos da África que qualquer outro país. A escravidão persistiu ali até 1888, isto é, muito tempo depois de ter sido abolida no resto da América.¹ Sua experiência diferiu da de outros países escravocratas em vários aspectos e certamente nos rumos de seu comércio interno de escravos. Pode ser útil neste momento sumarizar o que sabemos deste tráfico no Brasil, extraindo dados das obras de outros autores, mesmo daqueles que não focalizaram suas atenções no comércio interno de escravos. Na primeira parte deste artigo examino quem foram os escravos envolvidos no tráfico brasileiro, quem foi o lugar de onde vieram e para onde foram. Tal abordagem é útil na medida em que pode sugerir padrões não necessariamente visíveis na história geral. Portanto, creio que devemos também responder a uma questão verdadeiramente importante: o que o tráfico significou para os seres humanos envolvidos? A resposta não pode ser uma simples generaliza-

*Centro da Universidade do Texas.

Agradeço aos membros do Seminário de Santa Fé pelos comentários que fizeram em relação a este artigo preliminar, e especialmente Sandra Lauderdale Graham. Barbara H Stein fez valiosas sugestões bibliográficas sobre o lugar dos índios no tráfico interno de escravos. Também agradeço os participantes do "Congresso sobre o Estudo Comparativo do Tráfico de Escravos na América", realizado no Centro Gilder Lehrman da Universidade de Nova York. Recebi também excelentes sugestões posteriores feitas por João José Reis. Tradução: Maria Zamparoni, revisão final: Richard Graham.

endeu sob suspeita de ser
foi à cadeia para ver se
julio de uma fila. Todas
ram antes que ele tivesse
e teve após ter retornado
sada para fazer palitos de
do que pretendia matá-lo
iolento e já tinha matado
ulio afirmou que preferia a
e homem.⁶³ Por tais ações
cravatura e as instituições
la para outros, a morte não
ue esta decisão fosse toma-

rafim, nascido de um casal
sul num navio a vapor junto
n em Alagoas e outro no Rio
nto os outros escravos logo
eito para mostrar sua inabili-
mandado de volta a Alagoas.
o hospital. Depois atacou um
cia; foi preciso dois policiais
traficante o encaminhou para
Robert, filho de francês, para
fugiu de volta para o Rio de
ntado por escravos de outras
cidade. Em 1884, Serafim foi
e um policial. Ele prontamen-
este preferiu abandoná-lo —
ária para recuperá-lo e enviá-
excedia o valor de Serafim.⁶⁴
tantos outros senhores tinham
anter a autoridade?

A venda, na maioria das vezes, era um momento de separação e dor. Como um reformista afirmou, o “que se fazia com os índios, faz-se hoje com os escravos, assim desumana e barbaramente arrancados ao lugar do seu nascimento, de suas afeições, e às famílias”.⁶⁵ Os transferidos se viam isolados de seus contatos humanos costumeiros. A estranheza do novo ambiente que encontravam certamente aumentava seu desânimo. Mães, irmãs, companheiras e crianças deixadas para trás devem ter sido devastadas pelo vazio deixado por aqueles mandados para longe. Um caso extremo é relatado por Hebe Maria Mattos de Castro: a escrava Justina além de cuidar de seus três filhos, também cuidava da criança de outra mulher que tinha sido vendida para o tráfico, deixando seu filho para trás; quando Justina acreditou que o mesmo destino estava para acontecer com ela, afogou seus filhos e tentou o suicídio.⁶⁶ Também ela, devido ao tráfico interno de escravos, terminou por lançar uma intolerável luz na horrível realidade da própria escravatura.

Hoje em dia não é preciso mais repetir que os escravos davam grande valor aos laços familiares. Como um ex-escravo afirmou em 1835, ele tinha “uma casa, filho, e tudo aquilo que conta na vida”, e não esperava ser, pela força, removido da Bahia.⁶⁷ Uma evidência de tais compromissos com a família é que, uma vez libertos, os membros da família faziam tenazes esforços para restabelecer os vínculos com aqueles dos quais tinham sido separados pela venda. Isto era particularmente difícil de ser feito se os escravos fossem vendidos não para uma fazenda vizinha, onde existia a possibilidade de contatos contínuos ou ao menos de se receber notícias, mas para um traficante que os enviaria através do tráfico interprovincial para uma região distante. Maria Ana de Souza do Bomfim, uma mãe que tinha sido alforriada na Bahia, foi para o Rio de Janeiro em 1868 procurar sua filha Felicidade, que para lá tinha sido vendida muito antes. Lauderdale Graham mostra que, quando Maria Ana chegou ao Rio, sua filha já tinha sido entregue a um comprador em Minas Gerais. A mãe então contratou um fornecedor de escravos do Rio,

⁶⁵ Agostinho Marques Perdigão Malheiro, Discurso, 03/07/1877, in Brazil, Congresso, Câmara dos Deputados, *Anais*, 1877, 2, p. 23.

⁶⁶ Mattos de Castro, *Das cores do silêncio*, pp. 124-27.

⁶⁷ Felipe Francisco Serra citado em Reis, *Slave Rebellion*, p. 226.

pagando-o para ir a Minas Gerais procurar a sua Felicidade, comprá-la e trazê-la com ele para o Rio onde Maria Ana iria pagar sua alforria em prestações. Este plano deu certo, até que a mãe deixou de fazer dois pagamentos e houve uma batalha judicial acerca do estatuto jurídico de Felicidade. Sua mãe finalmente conseguiu que Felicidade fosse considerada *coartada*, isto é, libertada condicionalmente com a obrigação de fazer pagamentos até completar seu preço de venda, e o tribunal decidiu que tais pagamentos podiam ser convertidos na obrigação das duas, mãe e filha, prestarem serviços por um período de três anos. O senhor de Felicidade concordou com esta solução, disse ele, por causa do “espírito de insubordinação de que é natural estar possuída”.⁶⁸ A busca e perseverança de Maria Ana foi finalmente recompensada, e a insubordinação de Felicidade, reconhecida como “natural”, só podia significar um questionamento da viabilidade do sistema.

Na década de 1820, Maria Lourindo e seu marido Casemiro tinham sido escravos de um senhor de engenho de importante família pernambucana. Isto não os impediu de serem separados de sua filha Victoriana; um traficante embarcou mãe e pai para o Rio Grande do Sul, mas o destino de sua filha permaneceu um mistério. Trinta anos depois a mãe enviuvada, agora liberta, colocou um anúncio num jornal pernambucano, esperando encontrar Victoriana ou seus filhos, se ela tivesse tido algum.⁶⁹ Não sabemos se teve sucesso em localizar sua filha, mas seu esforço fala do devastador efeito do tráfico interno de escravos e da persistente afeição materna. Devido à importância de tais ligações familiares, quebrá-las trazia sérias conseqüências pessoais e sociais.

Ser vendido para ser levado da cidade para uma plantação no interior ou de uma cidade ou fazenda para outra província era visto, pelo escravo e senhor, como uma punição. Não se fazia irrefletidamente. A única ocasião, antes de 1850, que escravos foram embarcados da Bahia para o Rio de Janeiro em número relativamente grande foi logo após a famosa revolta “malê” dos escravos africanos e libertos, ocorrida em Salvador em 1835. Carlos Eugênio Libano Soares mostra que 98 de tais escravos — só dois nascidos no Brasil — chegaram ao Rio de Janeiro vin-

⁶⁸ Lauderdale Graham, *Proteção e obediência*, pp. 81-82; Chalhoub, *Visões da liberdade*, p. 51.

⁶⁹ Idem, *ibidem*, pp. 97, 186 nota 76.

dos da Bahia num
vendidos para fora
Silvia Hunold Lara
freqüentemente os e
escapar do controle
mesmo a indicar ur
dos.⁷¹ Mas não enco
vendido para o imp
de um escravo que f
ele seria vendido qu
grupo inteiro de esc
anunciou a decisão

Alguns escra
nhia de seus senhor
cravos com quem e
familiar completa, i
destes movimentos
toras de açúcar do N
alguns senhores de
do Rio de Janeiro e S
tar café. É bem sabie
— se mudaram das
Sul na província de
paulista nos anos 18
ma, entretanto, que i
Unidos, sugerindo qu

⁷⁰ Carlos Eugênio Libano
Janeiro (1808-1850). Cf
Rebellion, p. 222. Sobre
Bahia após a revolta do
Mocambos e comunidade
Nacional, 1995, pp. 256-

⁷¹ Silvia Hunold Lara, *Cam
ro, 1750-1808*, Rio de J
liberdade, pp. 68-73, 76-

⁷² Reis, *Slave Rebellion*, p.

⁷³ Costa, *Da senzala à colô
Paris*, Colin, 1952.



27

CENTRO DE ESTUDOS AFRO-ORIENTAIS - FECH - 2002

AFRO-ASIA